

NOTAS SOBRE UM PENSADOR DIFERENTE DA DIFERENÇA

Gerson Brea¹

Uma das características mais marcantes do amigo, filósofo e professor Miroslav Milovic foi, sem dúvida, sua abertura para a pluralidade do pensamento. Miro foi e continuará sendo um pensador diferente das diferenças, sempre disposto a dialogar com as mais diversas figuras da tradição filosófica, a extrair dos mais variados pensamentos elementos que provocassem a reflexão. A comunidade de seus interlocutores não era pequena. Lembro-me agora, espontaneamente, de alguns: Platão, Santo Agostinho, Descartes, Locke, Hegel, Marx, Nietzsche, a fenomenologia de Husserl e a ontologia fundamental de Heidegger, Levinas, Derrida, Deleuze, Foucault, Neri, Schmitt, Arendt, Mouffe, Habermas, Apel, Gadamer, Djindjić, Benjamin... (Certamente, estou me esquecendo de vários nomes importantes!)

Essa abertura, bem como seu modo de lidar com a tradição, sempre focado nos problemas atuais, sempre preocupado em refletir sobre as possibilidades da ação, especialmente em *tempos sombrios* como o nosso, é algo que impactou todos nós que tivemos o privilégio de conhecê-lo. Apesar de sua expertise em diversos contextos e obras, Miro nunca se deixou rotular. Conhecia profundamente Kant, Hegel, Marx, Arendt ou o Pós-estruturalismo.

Todavia seria um erro rotulá-lo de Kantiano, Hegeliano, Marxista, Arendtiano ou Pós-estruturalista ou seja lá do que for. Pelo contrário: frequentemente denunciava e criticava, com razão, um fenômeno que até possui alguma importância nas diversas áreas da ciência e da técnica, mas que na filosofia – principalmente na *filosofia das coisas humanas* (Aristóteles), na ética e na política – pode ser funesto: a tendência à especialização.

Nunca foi sua intenção empreender simplesmente uma acurada análise dos autores e suas obras; nunca foi um simpatizante de querelas exegéticas que se atêm à letra, esquecendo-se de captar o espírito do texto, o pensamento como um

¹ Professor do Departamento de Filosofia da Universidade de Brasília (UnB). Membro do PPG Metafísica e membro fundador do GT Fenomenologia, da Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia (ANPOF). Desde 2015, encontra-se em licença da UnB. Atua como Lector no Munich Center of Technology in Society, da Universidade Técnica de Munique.

todo, de compreender seus pressupostos, aquilo que está em jogo. Antes, Miro procurava dialogar com a tradição – muitas vezes, simultaneamente, com vários autores –, criticando-os, desconstruindo-os, buscando subsídios e ideias para refletir a contemporaneidade, para compreender o mundo em que vivemos, e principalmente para pensar a esfera política.

Miro sempre estava muito atento, interagindo filosoficamente com o que estava ocorrendo, como mostram, por exemplo, seus últimos escritos e falas, em que procurava não somente tematizar os impactos da pandemia que estamos enfrentando, mas, nesse contexto, diagnosticar as patologias do corpo político, analisar etiologias das enfermidades sociais que sofremos, mostrar como nos tornamos, infelizmente, meros “últimos homens disciplinados para satisfazer as demandas do mercado”.²

Em seus esforços por pensar comunidades da diferença, há muitos momentos importantes. Gostaria de, resumidamente e de modo bem singelo, destacar três momentos, presentes em quase todas as suas obras e discursos nos últimos vinte anos: Modernidade, Fenomenologia, Pluralidade.

Em primeiro lugar, poderíamos destacar sua compreensão da Modernidade. Em sua obra, encontramos inúmeras reflexões sobre o tema. E não consigo lembrar-me de nenhuma fala, palestra ou aula em que Miro não tenha feito, ao menos uma vez, referência a esse conceito. Em uma de suas entrevistas, por exemplo, a Modernidade é definida como “uma forma da Identidade, da nivelação, mediocrização que apaga com as possibilidades da Diferença”. Já em sua obra *Política e Metafísica*, discutindo o fenômeno da “despolitização”, em diálogo com pensadores como Schmitt, Habermas e Marx, Miro destaca que, em certo sentido, a “Modernidade é a afirmação da subjetividade e não da intersubjetividade”.

A ideia de Modernidade – que, de certa forma, contamina todo pensamento ocidental a partir de Descartes – surge, frequentemente, nas críticas que Miro faz à ciência, à economia e seus desdobramentos neoliberais, assim como à “metafísica da presença” enquanto “a repetição do mesmo”. Até podemos reconhecer, na tradição filosófica, tentativas de uma “leitura feliz da Modernidade”. Todavia o que prevalece são suas trágicas consequências: a “mediocrização do ser humano”, pior

² Nesse breve texto, as aspas indicam passagens retiradas de obras, artigos, entrevistas e falas de Miroslav Milovic. Optei por não inserir dados bibliográficos completos nem adicionar notas de rodapé. Estou certo de que Miro compreenderia o contexto e perdoaria a falta de rigor acadêmico.

do que isso, o fato de que no “final da modernidade ficamos sem a política”. Se de um lado a Modernidade nos promete “a realização do ser humano”, de outro, pode ser caracterizada pelo constante esforço em possuir tudo, ter tudo sob controle, submeter tudo ao cálculo. *Real é aquilo que pode ser medida*. Para a consciência moderna, as coisas, a natureza e o próprio ser humano estão *simplesmente aí*, são disponíveis, podem e devem ser quantificados e, assim, manipulados, apropriados, dominados, colonizados.

A Modernidade, portanto, não é simplesmente uma época do pensamento humano, mas, sim, um título para um modo de pensar – ou melhor, de *não-pensar* – que corrompe, suprime e destrói o espaço político. No ensaio *Política e Pluralismo*, Miro conclui: “A modernidade, aproximando o privado e a natureza à política, anunciará uma específica despolitização. O mundo moderno é o mundo sem a política, o mundo da economia e das condições de sobrevivência.”

Seria possível opor-se a esse movimento moderno? Haveria um antídoto, uma vacina contra esse funesto esquecimento não apenas do ser, mas principalmente contra esse vírus que nos afasta da comunidade política, da comunidade da diferença?

Nesse contexto, podem ser inseridas as incursões de Miroslav Milovic no campo da fenomenologia. A fenomenologia inaugura, de um lado, um método que busca superar a cisão sujeito-objeto (Husserl), voltando-se *às coisas elas mesmas*; de outro, empreende, enquanto uma *ontologia fundamental* (Heidegger), uma análise das “estruturas hermenêuticas do *ser-aí*” e possibilita-nos confrontar com a metafísica e seu *esquecimento do ser*.

A fenomenologia husserliana pode ajudar-nos a combater a reificação de tudo, promovida pelo pensamento moderno, e retomar a pergunta pelo sentido. Em seu estudo sobre *A questão do sentido: Husserl*, Miro resume o mote fenomenológico: “A consciência não pode ser reificada, objetivada para ser pensada; pois ela própria é a doadora do sentido, bem como o lugar onde podemos sentir »o sabor da nossa fantasia«”.

Ao mesmo tempo que resgata as vivências intencionais, a dimensão subjetiva do ser humano e sua experiência de sentido, ao mesmo tempo que parece apresentar-nos um caminho para superar a metafísica moderna, Husserl não consegue encontrar um lugar adequado para alteridade. Os Outros aparecem, mas aparecem “basicamente como a possibilidade de resolver a questão do solipsismo e

não como uma referência social.” Miro conclui: “Pensar os Outros, a comunidade, fora da metafísica – estas poderiam ser as alternativas abertas pela fenomenologia. Não obstante, isso não aconteceu, porque a experiência do Outro ficou ligada à nossa consciência[...] O sujeito é a base para se pensar também os Outros.”

Heidegger comete um erro parecido. Embora aponte para a diferença ontológica e esboce “o início, talvez, do projeto da destruição da metafísica”, embora desvele a situação fundamental do ser humano enquanto um *ser-no-mundo*, o *mundo* de Heidegger não é, primeiramente, um espaço para a alteridade, muito menos para a política. Um passo parecido pode-se notar em sua ideia de *cuidado*, de *preocupação* (*Sorge*). A inquietação originária que constitui o modo de ser do homem não é uma preocupação política, um cuidado com o Outro, mas, antes, uma angústia com o fato de *ser-aí*, de *existir* – é a aflição de um ente que nada mais é senão um constante *transcender* e que confronta-se permanentemente com a tarefa de *ter de ser* e com o chamado da *autenticidade*.

Heidegger aponta, sim, para a importância de desconstrução da metafísica, para a imprescindibilidade de afastar-nos do domínio de um raciocinar calculante – e coloca, em suas *contribuições e meditações*, cada vez de modo mais radical, a questão sobre *o que significa pensar*. Mas que *pensar* é esse?

Ao dialogar com Hannah Arendt, Miro irá mostrar as consequências da metafísica da presença, de uma “metafísica que pensa a identidade [...] e que tem de ser superada pelo pensamento da diferença”, da “pluralidade”. Em uma entrevista, Miro vai direto ao ponto: “Nesse mundo tão ordenado, quase não temos que pensar mais. O pensamento não muda a estrutura dominante do ser. Essa inabilidade do pensamento termina, no último momento, nas catástrofes políticas do nosso século. Tantos crimes, mas quase sem culpados. O indivíduo que não pensa e se torna cúmplice dos crimes [...]”.

Deparamo-nos aqui novamente com o projeto da modernidade, da ordem, ou melhor, *desordem* estabelecida pelo modo de pensar instaurado na era moderna bem como com suas nefastas consequências. Se para Heidegger *a ciência não pensa* – e nem pode pensar! –, uma vez que se constitui através de um consequente *esquecimento do ser*, para Arendt, a grande pensadora da *ação*, o problema do pensar está vinculado ao desaparecimento do Outro.

O homem moderno não pensa. Mas não porque sofre de um distúrbio ôntico-ontológico que o leva ao esquecimento do ser. O que realmente nos impede de

pensar é, para Arendt, a ausência do Outro ou, no jargão heideggeriano, o esquecimento da pluralidade. A Modernidade culmina com a vitória do *animal laborans*, com o apego incondicional à sobrevivência, com a vida sendo concebida como o *summum bonum*. A vida biológica asfixia a vida política: “O mundo moderno é o mundo sem a política, o mundo da economia e das condições de sobrevivência.”

Seria possível um retorno à política? Seria possível preservar alguma ideia de indivíduo - “não no sentido neoliberal e egoísta” - e, ao mesmo tempo, realizar uma “comunidade da diferença”?

A obra de Miro não pretende oferecer soluções ou respostas definitivas a questões como essas. Pelo contrário. Ele, esse *pensador diferente da diferença*, quer nos provocar, colocar-nos diante de problemas, mostrar-nos que “os outros são pressupostos e não só consequências de uma reflexão solitária”, apontar-nos para a urgência de pensar um novo modo de *pensar*, de refletir sobre as possibilidades (ou impossibilidades) de ressuscitar a esfera política.

Conheci o Miro assim que cheguei à UnB, em 2004. Não demorou muito para nos tornamos amigos e começarmos a trabalhar juntos em diversos projetos, orientações e eventos. Através dele, tive o privilégio de conhecer muitas pessoas interessantes e fazer novos amigos. Com o Miro, o ditado se confirmava: “O amigo do meu amigo é meu amigo”. Miro não apenas pensou, mas também, talvez sem querer, realizou uma “comunidade da diferença”.

Não somente sua capacidade, sua erudição e perspicácia filosófica, sua obra, mas também seu modo de ser, sua atenção, sua hospitalidade, sua generosidade deixaram profundas *marcas no caminho* de todos aqueles que o conheceram.

Die Philosophen haben die Welt
nur verschieden interpretiert,
es kommt aber darauf an,
sie zu verändern.

Karl Marx

